

## Apresentação

Em um mundo tomado pela práxis e profusões de avanços tecnológicos, encontramos espaços, frestas tímidas para o fazer poético. O que dizer, então, do estudo da poesia? A **Scripta** 33 abre espaço para o gênero literário que se notabilizou tanto, mas que, agora, parece oscilar em um século que, sem sombra de dúvidas, se caracteriza pela profusão de meios e formas de expressão.

Affonso Romano de Sant’Anna, em seu artigo “Situação da poesia hoje”, publicado na **Gazeta do Povo**, no qual analisa os caminhos e os descaminhos da produção poética no Brasil, chamou a atual situação da poesia brasileira de “dispersão”, associando-a com a entropia. Afirma-se que o universo vai dissolver entropicamente, e que não há mais salvação. Para Sant’Anna, tal dispersão atinge, especialmente, os últimos 60 anos da produção poética brasileira. Até o modernismo, existia um consenso em relação a um modelo para o gênero. Podia-se pensar em uma ou outra discrepância, mas, em geral existia harmonia. Após o período modernista, parece ter havido uma desintegração e, para entender o que houve, necessitamos de séria e vasta pesquisa.

Para Sant’Anna é inadiável uma revisão da geração de 45, das vanguardas entre 56 e 68, da poesia marginal institucionalizada dos anos 70 e de uma série de nomes e autores que surgiram nas últimas décadas. Incisivo, o poeta esclarece que falar de entropia, de dispersão, implica retomar a palavra cânone. Mas se o faz, é para revelar o grande equívoco que a contraposição ao cânone incorpora. Afinal, lembra-nos Sant’Anna, “canônico, paradoxal e ironicamente, era ser contra o cânone. Deu no que deu. Brecha para apressados, espertos e placebos. Não se percebia que ser contra o cânone era uma estratégia de poder, entrar no desejado/aspirado cânone pela janela ou porta de trás. Deu no que deu: geleia geral. Tem quem goste. Há gosto para tudo. (SANT’ANNA, 2008, p. 02 – destaques do autor).

Sant’Anna ressalta que o problema transcende a poesia e que a questão dialoga com o campo socioantropológico, principalmente no que se refere à mediação e à legitimação. Nos anos 70 eram poucos críticos de repercussão nacional que funcionavam como instância legitimadora da produção literária. A população do país aumentou, aumentando também o número de poetas. Dissolveram-se, no entanto, as instâncias mediadoras e legitimadoras do fazer poético. Críticas mais elaboradas perderam espaço para os suplementos, as resenhas e as reportagens.

Em um mundo árido como o nosso, o nome “Dossiê de poesia” soa muito bem.

Principalmente um que contém nomes como Virgílio, Camões, Bocage, Bernardo Soares, Herberto Helder, António Botto, Armando Silva Carvalho, João Cabral de Melo Neto, Manoel de Barros, Manuel Bandeira, Julio Herrera y Reissig e tantos outros.

Dedica-se a segunda parte da revista para o já “encantado” Affonso Ávila, caro a essa casa e nome imensurável para a poesia nacional.

Os organizadores

